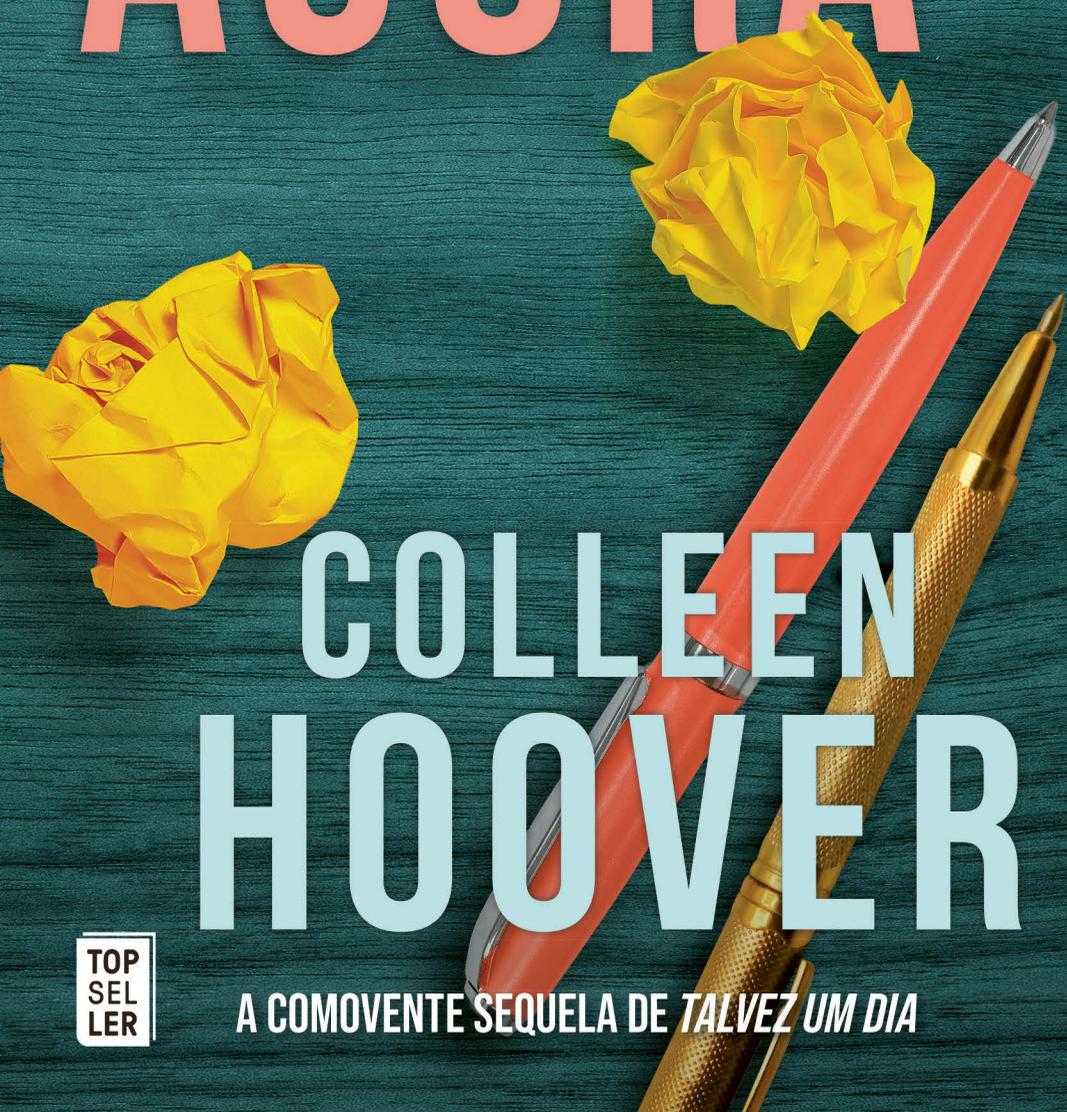


TALVEZ
AGORA



COLLEEN
HOOVER

TOP
SEL
LER

A COMOVENTE SEQUELA DE *TALVEZ UM DIA*

*Este livro é dedicado a todos
os CoHorts da Colleen Hoover.*

*Exceto os assassinos.
Este livro não é para esses dois.*

Prólogo

Maggie

Pouso a caneta no papel. Tenho a mão a tremer demasiado para acabar de o preencher, por isso inspiro rapidamente, numa tentativa de acalmar os nervos.

Tu consegues fazer isto, Maggie.

Volto a pegar na caneta, mas acho que a minha mão está a tremer mais do que antes de a ter pousado.

— Deixe-me ajudá-la com isso.

Olho para cima e vejo o instrutor de paraquedismo a sorrir para mim. Ele pega na caneta e na prancheta, e depois senta-se na cadeira à minha direita.

— Recebemos muitos principiantes nervosos. É mais fácil se me deixar preencher a papelada porque a sua letra provavelmente não ficará legível — diz ele. — Até parece que está prestes a saltar de um avião ou algo do género.

O seu sorriso indolente tranquiliza-me logo, mas o meu nervosismo depressa reaparece quando me lembro de que sou uma péssima mentirosa. Mentir na parte médica teria sido muito mais fácil se fosse eu a preenchê-la. Não sei se consigo mentir em voz alta a este tipo.

— Obrigada, mas eu posso fazer isso.

Tento pegar na prancheta, mas ele puxa-a para fora do meu alcance.

— Mais devagar — ele olha rapidamente para o meu formulário —, Maggie Carson. — Estende-me a mão, continuando a manter

a prancheta fora do meu alcance com a outra. — Eu sou o Jake, e se está a planear saltar de um avião a três mil metros de altitude enquanto está à minha mercê, o mínimo que posso fazer é acabar de preencher a sua papelada.

Aperto-lhe a mão, impressionada com a força do seu aperto. Saber que é a estas mãos que vou confiar a minha vida alivia-me um pouco.

— Quantos saltos de paraquedas já fez? — pergunto-lhe.

Ele sorri e depois volta a concentrar-se na minha papelada. Começa a folhear as páginas.

— Vai ser o meu quingentésimo.

— A sério? Quinhentos parece-me ser algo muito importante. Não devia estar a comemorar?

Ele fixa de novo o olhar no meu e o seu sorriso desaparece.

— Perguntou-me quantos saltos de paraquedas já fiz. Não quero comemorar prematuramente.

Engulo em seco.

Ele ri-se e toca-me no ombro.

— Estou a brincar, Maggie. Relaxe. Está em boas mãos.

Sorrio ao mesmo tempo que inspiro fundo.

Ele começa a percorrer o formulário.

— Algum problema de saúde? — pergunta-me, já com a caneta pousada na caixa assinalada com «não». Não lhe respondo. O meu silêncio leva-o a olhar para mim e a repetir a pergunta. — Problemas de saúde? Doenças recentes? Algum ex-namorado maluco de que eu deva ter conhecimento?

Sorrio com o seu último comentário e abano a cabeça.

— Nenhum ex maluco. Só um mesmo espetacular.

Ele anui lentamente com a cabeça.

— E a outra parte da pergunta? Problemas de saúde?

Ele espera pela minha resposta, mas eu não consigo dar-lhe mais nada além de uma pausa nervosa. Ele semicerra os olhos e inclina-se um pouco mais para a frente, fitando-me atentamente. Está a olhar para mim como se estivesse a tentar descobrir respostas para mais do que apenas o que está no questionário que tem na mão.

— É terminal?

Tento manter a calma.

— Não. Ainda não.

Ele aproxima-se ainda mais, olhando para mim com uma expressão cheia de sinceridade.

— O que é, então, Maggie Carson?

Nem sequer o conheço, mas há algo de reconfortante nele que me faz querer contar-lhe. Mas não o faço. Olho para as mãos, entrelaçadas no meu colo.

— Pode não me deixar saltar se eu lhe contar.

Ele inclina-se para mim até o seu ouvido estar perto da minha boca.

— Se o disser baixinho, há uma boa hipótese de eu nem sequer ouvir — diz ele em voz baixa. O seu hálito acaricia-me a clavícula e fico imediatamente coberta de arrepios. Ele afasta-se ligeiramente e olha para mim enquanto espera pela minha resposta.

— FQ — respondo. Não sei se ele saberá sequer o que significa «FQ», mas, se eu não complicar as coisas, talvez ele não me peça para explicar.

— Como estão os seus níveis de oxigénio?

Talvez ele saiba o que significa.

— Até agora, tudo bem.

— Tem autorização do médico?

Abano a cabeça.

— Decisão de última hora. Às vezes sou um pouco impulsiva.

Ele sorri, depois volta a olhar para o formulário e assinala a ausência de problemas de saúde. Olha para mim.

— Bem, está com sorte, porque eu sou médico. Mas, se morrer hoje, vou dizer a toda a gente que mentiu neste questionário.

Eu rio-me e concordo com a cabeça, agradecida por ele estar disposto a ignorar o assunto. Sei que isto é algo sério.

— Obrigada.

Ele olha para o questionário.

— Porque é que me está a agradecer? Eu não fiz nada.

A sua negação faz-me sorrir. Ele continua a percorrer a lista de perguntas, e eu respondo a todas honestamente até que chegamos finalmente à última página.

— Muito bem, última pergunta — diz ele. — Porque é que quer fazer paraquedismo?

Debruço-me sobre ele para olhar para o formulário.

— Isso é mesmo uma pergunta?

Ele aponta para a pergunta.

— Sim. Aqui mesmo.

Leio a pergunta e depois dou-lhe uma resposta direta.

— Acho que é porque estou a morrer. Tenho uma longa lista de coisas que sempre quis fazer.

O olhar dele endurece um pouco, quase como se a minha resposta o tivesse perturbado. Volta a prestar atenção ao formulário, por isso inclino a cabeça, debruço-me novamente sobre o seu ombro e vejo-o a escrever uma resposta que não é de todo a que eu lhe dei.

«Quero fazer paraquedismo porque quero viver a vida ao máximo.»

Entrega-me o formulário e a caneta.

— Assine aqui — pede, apontando para o fim da página.

Depois de assinar o formulário e lho devolver, ele levanta-se e estende-me a mão.

— Vamos arrumar os paraquedas, Quinhentos.



— É mesmo médico? — grito por cima do barulho dos motores. Estamos sentados mesmo em frente um do outro no pequeno avião. O sorriso dele é enorme e está cheio de dentes tão direitos e brancos que eu apostaria que é dentista.

— Cardiologista! — grita ele. Acena com a mão pelo interior do avião. — Faço isto por diversão!

Um cardiologista que faz paraquedismo nos tempos livres? Impressionante.

— A sua mulher não fica chateada por estar sempre tão ocupado? — grito. *Oh, Meu Deus. Que pergunta tão óbvia e pirosa.* Até me encolho por ter perguntado aquilo em voz alta. Nunca fui boa a namoriscar.

— O quê? — grita ele, inclinando-se para a frente.

Ele vai mesmo obrigar-me a repetir?

— Perguntei se a sua mulher não fica chateada por estar sempre tão ocupado!

Ele abana a cabeça, desaperta o cinto de segurança e depois passa para o lugar ao meu lado.

— Está muito barulho aqui! — grita, agitando a mão pelo interior do avião. — Repita outra vez!

Reviro os olhos e começo a perguntar-lhe outra vez.

— A... sua... mulher...

Ele ri-se e encosta um dedo aos meus lábios, mas apenas por breves instantes. Afasta a mão e inclina-se para mim. O meu coração reage mais a este movimento rápido do que ao facto de eu estar prestes a saltar deste avião.

— Estou a brincar — diz ele. — Pareceu tão embaraçada depois da primeira vez que o disse, que eu queria obrigá-la a dizê-lo outra vez.

Dou-lhe uma palmada no braço.

— Parvalhão!

Ele ri-se e levanta-se, depois pega no meu arnês de segurança e carrega no trinco. Puxa-me para cima.

— Está pronta para isto?

Eu assinto com a cabeça, mas é mentira. Estou absolutamente aterrorizada e, se não fosse o facto de este tipo ser médico e fazer coisas destas para se divertir — e ser mesmo giro —, provavelmente estaria a desistir agora mesmo.

Ele vira-me até eu ficar de costas para o peito dele e junta os nossos arneses de segurança até eu ficar bem presa a ele. Tenho os olhos fechados quando o sinto a colocar-me os óculos de proteção. Depois de vários minutos à espera de que ele acabasse de nos preparar, ele leva-me para a frente, em direção à abertura do avião, e pressiona as mãos contra cada um dos lados da abertura. Estou literalmente a olhar para as nuvens.

Fecho os olhos de novo, com força, no momento em que ele aproxima a boca do meu ouvido.

— Eu não tenho mulher, Maggie. A única coisa pela qual estou apaixonado é pela minha vida.

Dou por mim a sorrir durante um dos momentos mais assustadores da minha vida. O comentário dele faz com que a pergunta

valha as três vezes que me fez repeti-la. Aperto o cinto de segurança com mais força. Ele estica o braço, pega nas minhas duas mãos e depois baixa-as para as laterais do meu corpo.

— Mais sessenta segundos — diz ele. — Pode fazer-me um favor?

Anuo com a cabeça, demasiado assustada para discordar dele neste momento, já que praticamente coloquei o meu destino nas suas mãos.

— Se chegarmos vivos ao chão, deixa-me levá-la a jantar? Para celebrar o facto de ser a minha quingentésima vez?

Eu rio-me do teor sexual da pergunta dele e olho por cima do ombro.

— Os instrutores de paraquedismo podem sair com os alunos?

— Não sei — responde ele com uma gargalhada. — A maior parte dos meus alunos são homens e nunca tive vontade de convidar nenhum deles para sair.

Volto a olhar em frente.

— Dou-lhe a minha resposta quando aterrarmos em segurança.

— É justo.

Ele empurra-me um passo em frente, e depois entrelaça os dedos nos meus, abrindo os nossos braços.

— É agora, Quinhentos. Pronta?

Assinto com a cabeça enquanto a minha pulsação começa a acelerar ainda mais do que antes, e o meu peito se comprime com o medo que me consome, sabendo o que estou prestes a fazer. Sinto a respiração dele e o vento contra o meu pescoço enquanto ele nos aproxima da porta do avião.

— Sei que disse que queria fazer paraquedismo porque está a morrer — diz ele, apertando-me as mãos. — Mas isto não é morrer, Maggie! Isto é viver!

Com isso, empurra-nos aos dois para a frente... e saltamos.

1.

Sydney

Assim que abro os olhos, viro-me imediatamente e apercebo-me de que o outro lado da minha cama está vazio. Pego na almofada onde o Ridge dormiu e puxo-a para mim. Ainda tem o cheiro dele.

Não foi um sonho. Graças a Deus.

Ainda não consigo perceber bem o que se passou ontem à noite. O concerto que ele orquestrou com o Brennan e o Warren. As músicas que compôs para mim. O facto de termos finalmente podido dizer um ao outro o que realmente sentíamos, sem nos sentirmos culpados por isso.

Talvez seja daí que vem esta nova sensação de paz — a ausência de toda a culpa que sempre senti na presença dele. Foi difícil apaixonar-me por alguém que estava comprometido com outra pessoa. Foi ainda mais difícil tentar evitar que isso acontecesse.

Rolo para fora da cama e examino o quarto. A t-shirt do Ridge está ao lado da minha no chão, o que significa que ele ainda está aqui. Sinto-me um pouco nervosa por sair do quarto e vê-lo. Não sei porquê. Talvez porque agora ele é meu namorado, e eu mal tive doze horas para me adaptar a tudo isso. É tão... oficial. Não faço ideia de como vai ser. Como será a nossa vida juntos. Mas é um nervosismo de excitação.

Estico a mão, agarro na t-shirt dele e enfio-a pela cabeça. Faço um desvio até à casa de banho para escovar os dentes e lavar o rosto. Debato-me sobre se devo arranjar o cabelo antes de entrar na sala de estar, mas o Ridge já me viu em piores condições do que esta. Já fomos colegas de casa. Ele já me viu em condições *bem* piores.

Quando abro a porta da sala de estar, ele está lá, sentado à mesa com um caderno e o meu portátil. Encosto-me à ombreira da porta e observo-o durante algum tempo. Não sei bem o que ele acha disso, mas adoro poder observá-lo sem pudor, sem que ele me ouça a entrar na sala.

A certa altura, ele passa uma mão frustrada pelo cabelo e, pela rigidez dos seus ombros, vejo que está stressado. Coisas do trabalho, presumo.

Finalmente, olha para mim, e o facto de me ver à porta parece aliviar-lhe o stress, o que apaga completamente toda a minha energia nervosa. Ele fica a fitar-me por instantes e depois deixa cair a caneta no caderno. Sorri, arrasta a cadeira para se levantar e atravessa a sala de estar. Quando chega junto de mim, agarra-me e puxa-me para ele, pressionando os lábios contra o lado da minha cabeça.

— Bom dia — diz-me, afastando-se.

Nunca me vou cansar de o ouvir falar. Sorrio-lhe e digo-lhe «bom dia» em língua gestual.

Ele olha para as minhas mãos e depois de novo para mim.

— Isso é tão sexy.

Sorrio.

— Ouvir-te falar é tão sexy.

Ele beija-me, depois afasta-se e dirige-se à mesa. Pega no telemóvel e manda-me uma mensagem.

Ridge: Tenho uma tonelada de trabalho para pôr em dia hoje e preciso mesmo do meu próprio portátil. Vou voltar para o meu apartamento para que te possas arranjar para o trabalho. Queres que eu passe por cá esta noite?

Sydney: Passo por tua casa quando voltar do trabalho. Fica em caminho.

O Ridge anui com a cabeça e pega no caderno onde estava a escrever. Fecha o meu portátil e volta para junto de mim. Envolve a minha cintura com o braço e puxa-me para ele, pressionando a boca contra a minha. Retribuo o beijo e não paramos, mesmo quando o ouço a atirar o caderno para a bancada. Ele levanta-me com os dois braços e,

segundos depois, estamos do outro lado da sala e ele está a deitar-me no sofá, e depois está em cima de mim e eu tenho quase a certeza de que vou ser despedida esta semana. Nem me passa pela cabeça dizer-lhe que já estou atrasada para o trabalho, porque prefiro ser despedida a ter de parar de o beijar.

Estou a exagerar. Não quero ser despedida. Mas esperei tanto tempo por isto que não quero que ele se vá embora. Começo a contar até dez, prometendo a mim mesma que vou parar de o beijar e arranjar-me para o trabalho quando chegar ao dez. Mas chego aos vinte e cinco antes de finalmente me encostar ao peito dele.

Ele afasta-se, a sorrir.

— Eu sei — diz. — Trabalho.

Anuo com a cabeça e dou o meu melhor para falar em língua gestual. Sei que não estou a fazer tudo bem, mas enuncio as palavras que ainda não sei.

— Devias ter escolhido o próximo fim de semana para me arreba-
tares em vez de uma noite durante a semana.

O Ridge sorri.

— Não conseguia esperar tanto tempo.

Ele beija o meu pescoço e começa a rolar de cima de mim para que eu me possa levantar, mas detém-se por instantes para me observar apreciativamente.

— Syd — diz. — Sentes-te... Sentes... — Faz uma pausa e depois saca do telemóvel. Ainda temos uma enorme barreira de comunicação, na medida em que ele ainda não se sente completamente à vontade para ter conversas inteiras em voz alta, e eu não sei língua gestual suficiente para manter uma conversa inteira a um ritmo decente. Tenho a certeza de que, até melhorarmos, as mensagens de texto continuarão a ser a nossa principal forma de comunicação. Fico a vê-lo a enviar uma mensagem por instantes e então o meu telemóvel toca.

Ridge: Como é que te sentes agora que estamos finalmente juntos?

Sydney: Incrível. Como é que tu te sentes?

Ridge: Incrível. E... livre? Será essa a palavra de que estou à procura?

Ainda estou a ler e a reler a mensagem dele quando ele, imediatamente, começa a escrever outra. Está a abanar a cabeça, como se não quisesse que eu interpretasse mal a mensagem anterior.

Ridge: Não é livre no sentido de que nós não éramos livres antes de nos juntarmos ontem à noite. Ou que eu me sentia preso quando estava com a Maggie. É só que...

Faz uma pausa por instantes, mas eu respondo-lhe antes que ele responda, porque tenho a certeza que sei o que ele está a tentar dizer.

Sydney: Tens vivido para os outros desde criança. E escolher estar comigo foi uma escolha um bocado egoísta. Nunca fazes as coisas por ti. Por vezes, colocarmo-nos em primeiro lugar pode ser libertador.

Ele lê a minha mensagem e, assim que os seus olhos se viram para os meus, vejo que estamos em sintonia.

Ridge: Exatamente. Estar contigo é a primeira decisão que tomei simplesmente porque queria. Não sei, acho que sinto que não me devia sentir tão bem com isso. Mas sinto. É uma sensação boa.

Apesar de ele estar a dizer tudo isto como se estivesse aliviado por ter finalmente feito uma escolha egoísta, ainda há uma ruga entre as suas sobrancelhas, como se os seus sentimentos fossem também acompanhados de culpa. Levo a mão à testa dele e aliso-a, depois ponho a mão na cara dele.

— Não te sintas culpado. Toda a gente quer que sejas feliz, Ridge. Especialmente a Maggie.

Ele acena levemente com a cabeça e depois beija a palma da minha mão.

— Amo-te.

Disse-me estas palavras inúmeras vezes na noite passada, mas, ao ouvi-las novamente esta manhã, ainda parece que está a dizê-las

pela primeira vez. Sorrio e retiro a minha mão da dele para poder falar em língua gestual.

— Também te amo.

Tudo isto parece tão surreal — ele estar aqui comigo depois de tantos meses a desejar que fosse assim. E ele tem razão. Senti-me sufocada por estar longe dele, mas sinto-me livre agora que ele está aqui. E sei que ele não está a dizer tudo o que acabou de dizer por sentir que a vida dele com a Maggie era, de alguma forma, algo que ele não queria. Ele amava-a. Ama-a. O que ele está a sentir é o resultado de ter passado uma vida inteira a tomar decisões que eram do interesse dos outros e não dele próprio. E não acho que ele se arrependa de nada disso. Ele é assim mesmo. E, apesar de eu ter sido uma decisão egoísta que ele finalmente tomou por si próprio, sei que continua a ser a mesma pessoa altruísta que sempre foi, por isso vai haver alguma culpa residual. Mas, por vezes, as pessoas precisam de se pôr em primeiro lugar. Se não estivermos a viver a nossa melhor vida para nós próprios, não conseguiremos ser a nossa melhor versão para aqueles que nos rodeiam.

— Em que é que estás a pensar? — pergunta ele, penteando-me o cabelo para trás.

Abano a cabeça.

— Em nada. Só... — Não sei como dizer em língua gestual o que quero dizer, por isso volto a pegar no telemóvel.

Sydney: Tudo isto parece surreal. Ainda estou a tentar absorver tudo. A noite passada foi completamente inesperada. Eu estava a começar a convencer-me de que tu estavas a chegar a um ponto em que não achavas que nós poderíamos ficar juntos.

Os olhos do Ridge dispararam para os meus e ele ri-se um pouco, como se a minha mensagem fosse completamente absurda. Então, inclina-se para a frente e dá-me o mais suave e doce dos beijos antes de responder.

Ridge: Há três meses que não consigo dormir. O Warren teve de me obrigar a comer porque eu estava sempre ansioso.

Pensava em ti a cada minuto de cada dia, mas mantive a distância porque tu disseste que precisávamos de um tempo separados. E, embora isso me matasse, eu sabia que tinhas razão. Como não podia estar contigo, forcei-me a escrever música sobre ti.

Sydney: Há alguma canção que eu ainda não tenha ouvido?

Ridge: Toquei todas as minhas canções novas para ti ontem à noite. Mas tenho estado a trabalhar numa. Estava bloqueado porque a letra não me parecia bem. Mas ontem à noite, depois de adormeceres, a letra começou a fluir como água. Escrevi-a e enviei-a ao Brennan assim que a pus no papel.

Ele compôs uma canção inteira depois de eu ter adormecido ontem à noite? Semicerco os olhos e depois respondo.

Sydney: Já dormiste sequer?

Ele encolhe os ombros.

— Durmo mais tarde — diz, passando o polegar pelo meu lábio inferior. — Fica de olho no teu e-mail hoje — continua ele, enquanto se inclina para outro beijo.

Adoro as versões iniciais que o Brennan faz das músicas que o Ridge compõe. Acho que nunca me vou cansar de namorar com um músico.

O Ridge rola para fora do sofá e puxa-me para cima com ele.

— Vou-me embora para que te possas arranjar para o trabalho.

Anuo com a cabeça e dou-lhe um beijo de despedida, mas, quando tento ir para o quarto, ele não me larga a mão. Viro-me e ele está a olhar para mim, à espera.

— O que foi?

Ele aponta para a t-shirt que tenho vestida. A t-shirt dele.

— Preciso disso.

Olho para baixo e rio-me. Depois tiro-a — devagarinho — e dou-lha. Ele olha-me de cima a baixo enquanto pega nela e a veste.

— A que horas disseste que passavas lá por casa esta noite? — Ele ainda está a olhar para o meu peito quando faz esta pergunta, completamente incapaz de me olhar nos olhos.

Rio-me e empurro-o para a porta. Ele abre-a e sai do meu apartamento, mas não sem antes me roubar outro beijo rápido. Eu fecho a porta atrás dele e percebo que, pela primeira vez desde o dia em que me mudei do meu antigo apartamento, sinto finalmente que já não estou ressentida com o tumulto que o Hunter e a Tori causaram.

Estou absolutamente, sem sombra de dúvida, grata ao Hunter e à Tori. Voltaria a passar pela dor de cabeça Tori/Hunter um milhão de vezes se o Ridge fosse sempre o resultado final.



Algumas horas depois, recebo um e-mail do Brennan. Entro na casa de banho do trabalho com os auscultadores nos ouvidos e clico no e-mail com o assunto «Já Me Libertaste». Encosto-me à parede, carrego no *play* no telemóvel e fecho os olhos.

JÁ ME LIBERTASTE

*Tenho andado por aí a correr
Tentando-me esconder
Estive debaixo da terra com o diabo
E tu salvaste-me como um navio no mar
Dizendo: «Segue-me para a luz»*

*Então aqui vamos nós
Estamos a avançar
Era tudo o que eu podia esperar
Aqui vamos nós
Estamos a avançar*

*Já me libertaste
O pó do meu corpo expulsaste
Trancado, a chave encontrei
E agora posso constatar
Que em nenhum outro lugar quero estar*

*Juntos para sempre vamos ficar
Já me libertaste*

*É difícil saber quanto isto custa
Mas quando perdemos algo
Sabemos que há um preço a pagar
Acho que tu nasceste
Para me vir salvar
Quando não consigo aguentar*

*Então aqui vamos nós
Estamos a avançar
Era tudo o que eu podia esperar
Aqui vamos nós
Estamos a avançar*

*Já me libertaste
O pó do meu corpo expulsaste
Trancado, a chave encontrei
E agora posso constatar
Que em nenhum outro lugar quero estar
Juntos para sempre vamos ficar
Já me libertaste*

*Eu estava prestes a sucumbir
Sem saber para onde ir
Achava que o teto era o chão
Não havia remédio para me curar
Uma Ave Maria para quem pecar
Um novo começo para uma conclusão*

*Já me libertaste
O pó do meu corpo expulsaste
Trancado, a chave encontrei
E agora posso constatar
Que em nenhum outro lugar quero estar*

*Juntos para sempre vamos ficar
Já me libertaste*

Fico completamente em silêncio depois de a música acabar. As lágrimas escorrem-me pelo rosto, e nem sequer é uma música triste. Mas o significado por trás da letra que o Ridge escreveu depois de adormecer ao meu lado na noite passada significa mais para mim do que qualquer outra letra que ele já tenha escrito. E mesmo que eu tenha entendido o que ele estava a dizer esta manhã quando disse que se sente livre pela primeira vez, não percebi o quanto me identificava com o que ele estava a sentir.

Também me libertaste, Ridge.

Tiro os auscultadores dos ouvidos, embora tenha vontade de passar o resto do dia a ouvir a música. Quando saio da casa de banho, dou por mim a cantá-la em voz alta no corredor vazio com um sorriso ridículo no rosto.

«Que em nenhum outro lugar quero estar. Juntos para sempre vamos ficar...»

2.

Maggie

Penso na morte a cada minuto de cada hora de cada dia da minha vida. Tenho quase a certeza de que penso na morte mais do que a maior parte das pessoas. É difícil não o fazer quando sabemos que nos foi dada uma fração do tempo que foi dado a quase toda a gente do mundo.

Tinha 12 anos quando comecei a investigar o meu diagnóstico. Nunca ninguém se tinha sentado comigo e me tinha explicado que a fibrose quística tinha um prazo de validade. Não um prazo de validade para a doença, mas um prazo de validade para a minha vida.

Desde esse dia, com apenas 12 anos de idade, encaro a vida de uma forma completamente diferente da que encarava antes. Por exemplo, quando estou na secção de cosméticos de uma loja, olho para o creme antienvelhecimento e sei que nunca vou precisar dele. Terei sorte se a minha pele começar a ganhar rugas antes de eu morrer.

Na secção de mercearia, olho para os prazos de validade dos alimentos e pergunto-me qual de nós durará mais tempo, eu ou a mostarda.

Às vezes, recebo convites pelo correio para um casamento que ainda está a um ano de distância, faço um círculo à volta da data no calendário e pergunto-me se a minha vida irá durar mais do que o noivado do casal.

Até mesmo a olhar para recém-nascidos penso na morte. Saber que nunca viverei para ver um filho meu chegar à idade adulta apagou qualquer desejo de ter filhos.

Não sou uma pessoa depressiva. Nem sequer me sinto triste com o meu destino. Há muito que o aceitei.

A maior parte das pessoas vive como se fosse durar até aos 100 anos. Planeiam as suas carreiras e as suas famílias e as suas férias e os seus futuros como se fossem estar lá para tudo isso. Mas os meus pensamentos são diferentes dos da maioria das pessoas, pois sei que não posso fingir que vou viver até aos 100 anos. Porque não vou. Com base no estado atual da minha saúde, será uma sorte se viver mais dez anos. E é por isso que penso na morte a cada minuto de cada hora de cada dia da minha vida.

Até hoje.

Até ao momento em que saltei de um avião, olhei para baixo e vi uma terra tão insignificante que não consegui deixar de rir. E não consegui parar. Durante todo o salto, ri-me histericamente e depois desatei a chorar, porque a experiência foi bonita e excitante e excedeu as minhas expectativas. Durante todo o tempo em que estava a cair em direção à terra, a cento e sessenta quilómetros por hora, não pensei na morte uma única vez. Apenas pensei na sorte que tinha por conseguir sentir-me tão viva.

As palavras do Jake repetiam-se na minha cabeça enquanto o vento batia com força contra mim. *Isto é viver!*

Ele tem razão. Nunca tinha vivido tanto, e quero fazê-lo de novo. Estamos no chão há apenas um minuto. A aterragem do Jake foi impecável, mas eu ainda estou presa a ele e estamos sentados no chão. Tenho as pernas esticadas à minha frente e estou a tentar recuperar o fôlego. Sinto-me agradecida por ele me dar um minuto de silêncio para eu assimilar tudo.

Ele começa a soltar-nos e levanta-se. Ainda estou sentada quando ele dá a volta e para à minha frente bloqueando o sol. Olho para ele e sinto-me um pouco envergonhada por estar a chorar, mas não o suficiente para o tentar esconder.

— E então? — pergunta ele, estendendo-me a mão. — Como é que foi?

Aceito a mão dele e ele puxa-me para cima enquanto uso a minha outra mão para limpar as lágrimas do rosto. Fungo e depois rio-me.

— Quero repetir.

Ele ri-se.

— Agora?

Assinto vigorosamente com a cabeça.

— Sim. Foi incrível. Podemos fazê-lo outra vez?

Ele abana a cabeça.

— O avião está reservado para o resto da tarde. Mas posso agendar-te para o meu próximo dia aqui.

Sorriso.

— Seria ótimo.

O Jake ajuda-me a tirar o arnês e eu entrego-lhe o capacete e os óculos. Entramos e eu tiro o resto do equipamento. Quando regresso ao balcão de atendimento, o Jake já tinha imprimido as fotos e descarregado um vídeo do salto.

— Enviei-o para o e-mail que estava no registo — diz ele, enquanto me entrega uma pasta com as fotos. — A morada que está no registo é a tua morada de casa correta?

Assinto com a cabeça.

— É. Vou receber alguma coisa por correio?

Ele desvia os olhos do computador para mim e sorri.

— Não, mas eu vou estar à tua porta hoje às sete.

Oh. Ele estava a falar a sério quando disse que queria celebrar. Então, está bem. De repente, fico muito nervosa. Mas não reajo.

— Vai ser uma celebração casual ou formal? — respondo com um sorriso.

Ele ri-se.

— Posso fazer uma reserva em algum lado, mas, honestamente, sou mais de piza e cerveja. Ou hambúrgueres ou tacos ou o que quer que não me obrigue a usar gravata.

Sorriso, aliviada.

— Perfeito — respondo, afastando-me do balcão. — Vemo-nos às sete. Tenta não te atrasar.

Viro-me e dirijo-me para a porta, mas, antes de eu sair, ele diz:

— Não me vou atrasar. Na verdade, quero até chegar mais cedo.



Eu e o Ridge namorámos tanto tempo que já nem me lembro da última vez em que me enervei ao pensar no que vestir para um encontro. Tirando o gosto dele por sutiãs com fecho frontal, acho que o Ridge nem sequer prestava atenção à minha roupa interior. Mas aqui estou eu, a revirar a cómoda, a tentar encontrar algo que combine ou que não tenha buracos ou que não pareça roupa de avozinha.

Não acredito que não tenho cuecas bonitas.

Abro a última gaveta, cheia de coisas que, por algum motivo, me convenci que nunca usaria. Procuo entre meias sem par e cuecas com abertura frontal que alguém me ofereceu por brincadeira e finalmente encontro algo que me faz esquecer completamente do que estou à procura.

É uma folha de papel dobrada. Não preciso de a abrir para saber o que é, mas vou até à minha cama e faço-o de qualquer forma. Sento-me e olho para a lista que comecei a fazer há mais de uma década, quando tinha apenas 14 anos.

É uma espécie de *bucket list*¹, apesar de na altura eu não saber o que significava «*bucket list*». E é por isso que lhe chamei *Coisas que Quero Fazer antes dos 18 Anos*. A parte *Antes dos 18 Anos* está riscada, pois passei esse aniversário no hospital. Quando cheguei a casa, sentia-me ressentida com o mundo inteiro e com o facto de não ter feito nada do que estava na minha lista. Por isso, risquei o fim do título e alterei-o para *Coisas que Quero Fazer. Talvez Um Dia...*

Há apenas nove coisas na lista.

- 1) Conduzir um carro de corrida.
- 2) Saltar de paraquedas.
- 3) Ver a aurora boreal.
- 4) Comer esparguete em Itália.
- 5) Perder cinco mil dólares em Las Vegas.
- 6) Visitar as Grutas de Carlsbad.
- 7) Fazer *bungee jumping*.
- 8) Ter um caso de uma noite.
- 9) Visitar a Torre Eiffel em Paris.

¹ Termo usado para designar uma lista de coisas a fazer antes de morrer. [N. T.]

Olho para a lista e percebo que, das nove coisas que ansiava fazer na adolescência, apenas fiz uma. Saltei de paraquedas. E só o fiz hoje, apesar de ter sido o melhor momento da minha vida.

Estico o braço para a mesa de cabeceira e pego numa caneta. Risco a segunda coisa da lista.

Ainda restam oito coisas na minha lista. E, honestamente, todas são possíveis. Talvez. Se conseguir evitar apanhar uma doença durante uma viagem, todas estas coisas são possíveis. A número oito até pode ser feita hoje mesmo.

Não sei o que o Jake sentiria ao ser riscado como um item numa lista de coisas a fazer, mas acho que não se incomodaria muito de ficar comigo só por uma noite. De qualquer forma, não vou deixar que o encontro desta noite evolua para algo mais. A última coisa que quero é outra situação em que me sinta um fardo para alguém. A ideia de ter um caso de uma noite deixa-me muito mais empolgada do que a possibilidade de ser a namorada com uma doença terminal.

Dobro a lista e guardo-a na gaveta da mesa de cabeceira. Vou até à cómoda e agarro num par de cuecas ao acaso. Nem sequer me preocupo com a aparência delas. Se tudo correr como planeado, vou estar sem elas antes que o Jake se aperceba. Estou a vestir as calças de ganga quando recebo uma mensagem.

Ridge: Missão cumprida.

Sorrio quando leio a mensagem. Já se passaram vários meses desde que terminámos, mas eu e o Ridge ainda trocamos mensagens ocasionalmente. Por mais difícil que tenha sido ver o nosso relacionamento chegar a um fim tão inesperado, seria ainda mais difícil perder a amizade dele. Ele e o Warren são os únicos dois amigos que tive nos últimos seis anos. Estou grata pelo facto de, apesar de a nossa relação não ter resultado, isso não significar que a nossa amizade não possa resultar. E sim, é estranho falar da Sydney com ele, mas o Warren tem-me mantido atualizada sobre todas as coisas que têm que ver com o Ridge, mesmo nas áreas em que eu não quero estar atualizada. Honestamente, quero que o Ridge seja feliz. E, por mais zangada que tenha ficado quando descobri que ele tinha

beijado a Sydney, até gosto da rapariga. Porque ela não apareceu com más intenções nem tentou roubá-lo de mim. Eu e ela demos-nos bem, e sei que eles tentaram agir de forma correta. Não sei se alguma vez conseguiremos conviver como amigos. Isso seria muito estranho. Mas consigo ficar feliz por o Ridge estar feliz. E, desde que o Warren me contou o plano deles de enganar a Sydney e levá-la a um bar ontem à noite para que o Ridge pudesse convencê-la a ficar com ele, fiquei curiosa em saber como tudo iria acabar. Disse ao Ridge para me enviar uma mensagem se o plano deles fosse bem-sucedido ontem à noite, mas acho que não quero pormenores. Consigo aceitar que ela agora faça parte da vida dele, e realmente fico feliz por ele. Só acho que nunca vou estar em posição de querer pormenores.

Maggie: Que bom, Ridge!

Ridge: Pois, é tudo o que diremos sobre isso, porque ainda é muito estranho discutir esse assunto contigo. Tens notícias sobre a tese?

Fico contente por estarmos em sintonia. E nem acredito que me esqueci de lhe dar as boas notícias.

Maggie: Sim! Soube ontem. Tive um 5!

Antes de ele responder, ouço bater à porta. Olho para as horas no telemóvel e são apenas 18h30. Atiro o telemóvel para cima da cama, vou até à sala de estar e espreito pelo óculo da porta. O Jake não estava a brincar quando disse que talvez aparecesse mais cedo. Ainda nem sequer acabei de me arranjar.

Volto para o espelho do corredor e grito enquanto me olho ao espelho:

— Só um segundo.

Depois volto a correr e olho novamente pelo óculo. O Jake está ali fora, com as mãos nos bolsos das calças de ganga, a olhar para o meu jardim da frente, enquanto espera que eu abra a porta. Sinceramente, é um pouco surreal saber que estou prestes a sair com este tipo.

Ele é médico! Porque é que será solteiro? É muito giro. E muito alto. E bem-sucedido. E... aquilo é um...?

Abro a porta e saio.

— Cum caraças, Jake. Aquilo é um *Tesla*? — Não quero ser mal-educada, mas passo por ele e dirijo-me diretamente ao carro. Ouço-o a rir-se atrás de mim enquanto me segue até à rua.

Não sou fanática por carros, mas uma das minhas vizinhas namora com um tipo que tem um *Tesla*, e eu estaria a mentir se dissesse que não sou um pouco obcecada por estes carros. Mas não conheço a minha vizinha suficientemente bem para lhe pedir para dar uma volta no carro do namorado dela.

Passo a mão pelo capô preto e elegante.

— É verdade que não têm motor? — Viro-me e o Jake está a observar-me, divertido, enquanto eu olho cobiçosamente para o carro dele e não para ele.

Ele assente com a cabeça.

— Queres ver debaixo do capô?

— Sim.

Ele abre o capô com a chave e, em seguida, passa ao meu lado para o abrir. Não há nada além de uma bagageira vazia, forrada a alcatifa. Não há motor. Não há transmissão. Só há... nada.

— Então estes carros não têm mesmo motor? Nunca é preciso encher o depósito de gasolina?

Ele abana a cabeça.

— Não. Nem sequer é preciso mudar o óleo. A única manutenção são os travões e os pneus.

— Como é que o manténs carregado?

— Tenho um carregador na garagem.

— Ligas o carro à noite, como se carregasses um telemóvel?

— Basicamente.

Viro-me para o carro, admirando-o. Não acredito que vou andar num *Tesla* esta noite. Há dois anos que desejava andar num. Se eu tivesse atualizado a minha lista de desejos nos últimos anos, isto seria decididamente algo que riscaria esta noite.

— São muito bons para o ambiente — diz ele, encostado ao capô.
— Sem emissões.

Reviro os olhos.

— Sim, sim, que bom. Mas que velocidade dá?

Ele ri-se e cruza os tornozelos. A voz dele é intencionalmente baixa e sexy quando ergue uma sobrancelha e diz:

— Vai dos zero aos cem... em dois segundos e meio.

— Oh, meu Deus.

Ele acena com a cabeça para o carro.

— Queres conduzi-lo?

Olho de relance para o carro e depois de novo para ele.

— A sério?

O sorriso dele é doce.

— Na verdade... deixa-me fazer um telefonema — diz ele, sacando do telemóvel. — Talvez consiga arranjar-nos um lugar em Harris Hill.

— O que é Harris Hill?

Ele leva o telemóvel ao ouvido.

— Uma pista de corridas pública em San Marcos.

Tapo a boca com a mão, tentando esconder o meu entusiasmo. Quais são as hipóteses de eu riscar um terço da minha lista de desejos num só dia? Paraquedismo, conduzir um carro de corrida e um possível caso de uma noite?

3.

Ridge

Abro os olhos e olho para o teto. O meu primeiro pensamento é a Sydney. O meu segundo pensamento é que não acredito que adormeci no sofá a meio da tarde.

Mas eu mal dormi ontem à noite. Na verdade, mal dormi durante toda a semana passada. Estava muito ansioso antes do espetáculo que tinha planeado para a Sydney ontem, sem saber como ela iria reagir. E depois de ela ter reagido melhor do que eu imaginava e de termos acabado em casa dela, não consegui dormir porque não conseguia parar de enviar mensagens com letras de canções ao Brennan. Ele deve ter material suficiente só da noite passada para fazer três canções.

Quando saí do apartamento da Sydney esta manhã, o meu plano era ir para casa e pôr o trabalho em dia, mas não me conseguia concentrar em nada porque estava exausto. Acabei por me deitar no sofá e comecei a ver *A Guerra dos Tronos*. Sou provavelmente a última pessoa a começar a ver a série, mas o Warren anda há meses a tentar que eu o apanhe. Ele está na terceira temporada, e eu consegui ver os três primeiros episódios da primeira antes de adormecer.

Pergunto-me se a Sydney já a terá visto. Se não viu, preferia começar de novo e ver com ela.

Pego no telemóvel e tenho duas mensagens não lidas do Warren, uma da Maggie, uma do Brennan e uma da Sydney. Abro primeiro a mensagem da Sydney.

Sydney: Ouvi a música. Fez-me chorar. É muito boa, Ridge.

Ridge: Acho que estás a ser parcial porque estás apaixonada por mim.

Ela responde imediatamente.

Sydney: Isso não é verdade. Eu adoraria a música mesmo se não te conhecesse.

Ridge: Não és boa para o meu ego. A que horas chegas?

Sydney: Estou a caminho agora. O Warren e a Bridgette vão estar aí?

Ridge: Quase de certeza que ambos trabalham esta noite.

Sydney: Perfeito. Até já.

Fecho a conversa com a Sydney e abro a mensagem do Warren.

Warren: O Brennan enviou-me a música nova. Gosto.

Ridge: Obrigado. Comecei a ver *A Guerra dos Tronos* hoje. Estou a gostar.

Warren: JÁ NÃO ERA SEM TEMPO! Já chegaste ao episódio em que decapitam o Stark à frente das filhas?

Aperto o telemóvel contra o peito e fecho os olhos. Às vezes odeio-o. Odeio-o mesmo.

Ridge: És um idiota de merda.

Warren: Meu, é o melhor episódio!

Atiro o telemóvel para a mesa de centro e levanto-me. Vou até à cozinha e abro o frigorífico à procura de uma forma de me vingar dele. Espero que o Warren esteja a brincar. O Ned Stark? A sério, George?

Há um pedaço de um dos queijos de luxo da Bridgette na gaveta. Tiro-o e abro a embalagem. É um tipo de queijo branco com pedaços de espinafre ou algo do género. O cheiro é péssimo, mas parece uma barra de sabão quando se tira a embalagem. Levo-o para a casa

de banho do Warren, tiro o sabonete dele do chuveiro e substituo-o pelo queijo.

O Ned é decapitado? Juro por Deus que, se isso acontecer, deito fora a minha televisão.

Quando volto para a sala de estar, o meu telemóvel dá sinal em cima da mesa de centro. É uma mensagem da Sydney a dizer-me que acabou de estacionar. Dirijo-me à porta e abro-a, depois desço as escadas. Ela está a subir, e assim que vejo o sorriso na sua cara, esqueço-me da decapitação que estou a rezar para que seja apenas uma partida terrível que o Warren me está a pregar.

Encontramo-nos a meio das escadas. Ela ri-se da minha ânsia quando a empurro contra o corrimão e a beijo.

Meu Deus, amo-a. Juro, não sei o que teria feito se ela não tivesse feito o gesto de «quando» ontem à noite. Tenho a certeza de que ainda estaria sentado naquele palco, a tocar todas as canções tristes de que me lembrasse enquanto bebia até à última gota de álcool do bar. Mas não só o pior cenário não aconteceu, como o melhor cenário aconteceu. Ela adorou e ama-me e aqui estamos nós, juntos, prestes a passar uma noite perfeita e aborrecida no meu apartamento, sem fazer mais nada senão comer e ver televisão.

Afasto-me dela e ela limpa o batom da minha boca com a mão.

— Já viste *A Guerra dos Tronos*? — pergunto-lhe.

Ela abana a cabeça.

— Queres ver?

Ela anui. Agarro-lhe na mão e subo as escadas com ela. Quando entramos, ela vai à casa de banho e eu pego no telemóvel. Abro a mensagem não lida da Maggie.

Maggie: Sim! Soube ontem. Tive um 5.

Ridge: Porque é que não estou surpreendido? Parabéns! Espero que estejas a fazer alguma coisa para celebrar.

Maggie: E fiz. Fui fazer paraquedismo.

Paraquedismo? Espero que ela esteja a brincar. Paraquedismo é a última coisa que ela devia fazer. Não pode ser bom para os pulmões. Começo a responder-lhe, mas paro a meio da mensagem. Esta era

a única coisa que ela não gostava em mim. A minha preocupação constante. Tenho de parar de me preocupar com o facto de ela fazer coisas que podem piorar a sua situação. A vida é dela, e ela merece vivê-la como quiser.

Apago a minha resposta. Quando levanto os olhos do telemóvel, a Sydney está junto ao frigorífico a olhar para mim.

— Estás bem? — pergunta ela.

Endireito-me e guardo o telemóvel no bolso. Não quero falar da Maggie agora, por isso sorrio e guardo o assunto para outro dia.

— Vem cá — digo-lhe.

Ela sorri e aproxima-se de mim, passando os braços à volta da minha cintura. Puxo-a para mim.

— Como foi o teu dia?

Ela sorri.

— Excelente. O meu namorado compôs uma música para mim.

Encosto os lábios à testa dela, depois coloco o polegar por baixo do seu queixo, inclinando-lhe o rosto para o meu. Assim que começo a beijá-la, ela agarra na minha camisa e começa a andar para trás em direção ao meu quarto. Não interrompemos o beijo até ela cair na minha cama e eu subir para cima dela.

Beijamo-nos durante vários minutos com a roupa vestida, o que eu retificaria, mas é agradável. Não nos apaixonámos de uma forma típica, por isso passámos de um beijo que nos encheu de culpa durante semanas para um período de três meses em que não comunicámos de todo, e para uma noite em que fizemos as pazes e fizemos amor. Não éramos nada e, de repente, estávamos completamente envolvidos. É bom ir devagar agora. Quero passar o resto da noite a beijá-la, porque há três meses que penso em beijá-la assim.

Ela vira-me, deitando-me de costas, e depois desliza para cima de mim, interrompendo o nosso beijo. O cabelo cai-lhe à volta do rosto e ela tira-o da frente, fazendo-o deslizar por cima do ombro. Beija-me suavemente na boca e depois senta-se, pondo-se em cima de mim para poder falar em língua gestual.

— A noite passada parece... — Faz uma pausa, não sabendo bem como continuar, e então decide falar: — Parece que foi há uma eternidade.

Eu aceno em concordância e levanto as mãos para lhe ensinar o gesto para a palavra «eternidade». Profiro-a enquanto ela a faz em língua gestual. Quando a faz corretamente, assinto com a cabeça e digo, por gestos:

— Muito bem.

Ela cai ao meu lado e soergue-se sobre o cotovelo.

— Qual é o gesto para a palavra «surdo»?

Faço o gesto, deslizando a mão pelo maxilar e em direção à boca.

Ela arrasta o polegar da orelha até ao queixo.

— Assim?

Abano a cabeça para dizer que percebeu mal. Apoio-me no cotovelo, pego-lhe na mão, coloco o seu polegar para dentro e estico-lhe o dedo indicador. Aproximo-o da orelha e faço-o deslizar pelo maxilar, em direção à boca.

— Assim — digo-lhe. Ela repete o gesto para a palavra «surdo» na perfeição. Isso faz-me sorrir. — Perfeito.

Ela recosta-se na almofada e sorri. Adoro o facto de ela ter estudado língua gestual durante os três meses em que estivemos separados. Por muito zangado que esteja com o Warren por me ter estragado *A Guerra dos Tronos*, nunca lhe poderei pagar tudo o que fez para me ajudar a mim e à Sydney a aprendermos a comunicar sem tantas barreiras. Ele é mesmo um bom amigo... quando não está a ser um completo idiota.

Ela aprendeu a língua gestual muito depressa. Fico impressionado sempre que faz um gesto para alguma coisa. Faz-me querer que a partir de agora ela fale sempre em língua gestual, e faz-me querer proferir todas as palavras que tiver para lhe dizer.

— É a minha vez — digo eu. — Qual é o som que um gato faz?

Há muitas palavras que eu ainda não compreendo, e os sons dos animais são uma grande parte disso. Talvez eu tenha dificuldade em perceber esses sons porque é impossível ler os lábios quando o som vem de um gato ou de um cão.

— Queres dizer miau? — pergunta ela.

Aceno com a cabeça e pressiono os dedos sobre a garganta dela para sentir a sua voz quando ela o diz. Ela repete a palavra e eu faço a minha melhor tentativa.

— Mi... ou?

Ela abana a cabeça.

— A primeira parte está bem... Mi.

— Mi?

Ela assente com a cabeça.

— Segunda parte... — Levanta a mão para fazer as letras A e U, enquanto as profere novamente. Mantenho a palma da mão sobre a garganta dela.

— Outra vez — digo.

Ela enuncia lentamente.

— Mi... au.

Adoro a forma como os lábios dela formam um círculo no final do som. Inclino-me e beijo-a antes de tentar pronunciar o som outra vez.

— Mi... iau.

Ela sorri.

— Está melhor.

Digo mais depressa.

— Miau.

— Perfeito.

Começo a perguntar-lhe, em língua gestual, porque é que se usa «miau» em certos casos, mas esqueço-me de que ela ainda não sabe falar bem em língua gestual, e arregala os olhos, confusa, enquanto tenta seguir as minhas mãos. Eu inclino-me sobre ela, pego no telemóvel e escrevo a minha pergunta.

Ridge: Porque é que a palavra MIAU por vezes é usada para descrever quando algo é sexy? A palavra tem um som sexy quando é falada?

Ela ri-se e as bochechas dela coram um pouco quando diz:

— Muito.

Acho isso interessante.

Ridge: Também é sexy quando uma pessoa ladra como um cão?

Ela abana a cabeça.

— Não. De todo.

A forma verbal da língua inglesa é muito confusa. Mas eu adoro aprender mais sobre isso com ela. Foi a primeira coisa que me seduziu nela, além da atração física. A paciência dela com a minha incapacidade de ouvir e a vontade de querer saber tudo sobre o assunto. Não há muitas pessoas assim neste mundo, e de cada vez que ela fala em língua gestual, lembro-me da sorte que tenho.

Puxo-a para mais perto e inclino-me para a orelha dela.

— Miau.

Quando recuo, ela já não está a sorrir. Está a olhar para mim como se isso fosse a coisa mais sexy que alguma vez ouviu. Confirma o que eu estou a pensar fazendo deslizar os dedos pelo meu cabelo e puxando a minha boca para a dela. Viro-me para cima dela e separo-lhe os lábios com a língua. Quando começo a dar-lhe um beijo mais profundo, sinto a vibração do gemido dela, e depois perco-me.

E as nossas roupas também. Lá se vai a ideia de ir devagar esta noite.



PODERÁ A AMIZADE SOBREPOR-SE AO AMOR?

Depois de um início conturbado, Ridge e Sydney procuram aproveitar a tão aguardada liberdade para estarem juntos. No entanto, a relação é continuamente desafiada pela ligação entre Ridge e Maggie, que mantêm uma forte amizade mesmo depois do fim do namoro.

Quando encontra a «lista de coisas para fazer antes de morrer» que iniciou durante a adolescência, Maggie decide viver a vida ao máximo e concretizar aquilo com que sempre sonhou. Apesar de a doença teimar em limitar as suas escolhas, Maggie abraça novas aventuras, entre as quais a possibilidade de se deixar levar novamente pelo amor. Só que Ridge não consegue esconder a sua preocupação em relação a ela, fazendo surgir algumas inseguranças em Sydney.

Mas para conseguir seguir em frente, Sydney terá de aceitar que Maggie fará sempre parte das suas vidas.

Saiba como tudo começou e não perca nenhuma destas histórias inesquecíveis:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897875984



9 789897 875984 >